

Estética e Política *entre as Artes*



© Filipe Pinto

Conceção e organização

Elisabete Marques, Emília Pinto de Almeida, Filipe Pinto e João Pedro Cachopo

9 de abril

Considerações críticas sobre a noção de geo-estética

por José Bragança de Miranda
Pare, re-pare, repare melhor.

O “reparar” enquanto tática e a “secalharidade” enquanto poética

por João Fiadeiro e Fernanda Eugénio
Moderador: João Pedro Cachopo

16 de abril

Artes e reparações do mundo

por Silvina Rodrigues Lopes

A política da forma e as suas condições

por António Guerreiro

Moderadora: Mariana Pinto dos Santos

14 de maio

Devagar, a poesia por Rosa Maria Martelo

As artes e a formação histórica dos sentidos humanos por Manuel Gusmão

Moderadora: Emília Pinto de Almeida

28 de maio

Arte, dispositivos e operações

por Maria Teresa Cruz

Será possível uma crítica de arte que não utilize categorias clínicas?

por Nuno Nabais

Moderador: Filipe Pinto

11 de junho

Música da língua, língua da música

por Mário Vieira de Carvalho

Políticas da interpretação no teatro de ópera por Paulo Ferreira de Castro

Moderador: Manuel Deniz Silva

25 de junho

As políticas da arte e a questão dos museus por Luiz Camillo Osorio

Quão subversivas serão as manchas de verdura? por João Queiroz

Moderadora: Elisabete Marques

Dando continuidade aos seminários realizados em 2012 e 2013, o ciclo de conferências e debates *Estética e Política* entre as Artes pretende constituir um fórum de debate sobre temas artísticos contemporâneos, incidindo especialmente sobre os aspetos estéticos e políticos da relação entre as artes (da literatura à música, passando pelas artes visuais, pelas artes performativas e pelo cinema).

O intervalo que o “entre” sinaliza permanece a característica distintiva do debate em perspectiva. Ele traduz a hipótese de que uma pesquisa sobre a política da(s) arte(s) possa encontrar um ponto de partida privilegiado numa reflexão sobre o intervalo que as separa e aproxima. Esta hipótese ganha expressividade tanto na discussão dos regimes de identificação, hierarquização, conjugação e/ou diferenciação das artes, quanto na exploração do modo como a perturbação de tais regimes pode alterar as formas de experiência e apropriação de objetos e práticas artísticas.

Ao longo de seis sessões – cada uma delas contando com duas conferências seguidas de debate –, investigadores, críticos, artistas, curadores seguirão o fio desse “entre” – em que se enleiam fenómenos de cruzamento, citação, montagem, tradução, entre outros – na senda de desvios de perspectiva acerca do que move a arte no, e contra, o presente.

Música da língua, língua da música

por Mário Vieira de Carvalho

A investigação da faculdade da língua ou da linguagem e da música como sistemas cognitivos, numa abordagem interdisciplinar que conjuga os atuais desenvolvimentos na linguística com a biologia evolucionária, a antropologia, a psicologia e as neurociências, tem deslocado o problema das origens da música do terreno antropológico-cultural para o terreno biológico. Ao falar-se duma biologia da música, ou de uma biomusicologia, que incorpora a herança de Darwin, reconhece-se implicitamente que a perspectiva da investigação evolucionária de *música e língua* leva ao alargamento da noção de música a processos biológicos que não são exclusivos dos humanos, embora só com os humanos tenham atingido determinados níveis de complexidade, cuja origem mais recuada é filogenética, mas cujas intensidade e dinâmica de desenvolvimento são sobretudo ontogenéticas ou culturais. Enquanto uma linha de investigação se ocupa sobretudo dos fenómenos bioacústicos, outra acentua o papel do *gesto de apontar* nas origens da comunicação humana e sugere que a aquisição de convenções linguísticas depende crucialmente de faculdades e motivações sociocognitivas desenvolvidas originariamente na comunicação gestual. Numa desejável convergência de ambas as linhas, assume-se que só na base da complementaridade entre *gesto e som* é possível progredir na pesquisa

CONFERÊNCIAS QUARTAS-FEIRAS DE 9 DE ABRIL A 25 DE JUNHO · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO

sobre a evolução da linguagem e da música. Tais são os tópicos principais a partir dos quais se aborda a semântica da interação na comunicação musical, as relações entre música e língua e o *caráter de linguagem* da música e da arte em geral.

Mário Vieira de Carvalho é professor catedrático jubilado de Sociologia da Música da FCSH da UNL. Fundou e é presidente do CESEM, integra a Direção da Academia Europeia do Teatro Lírico, e foi secretário de Estado da Cultura do XVII Governo Constitucional (entre 2005 e 2008). Contam-se, entre as suas numerosas publicações, *Pensar é morrer ou o Teatro de São Carlos na mudança de sistemas sociocomunicativos* (1993) e *A tragédia da escuta – Luigi Nono e a música do século XX* (2007).

Políticas da interpretação no teatro de ópera

por Paulo Ferreira de Castro

De que falamos quando falamos de políticas da interpretação no teatro de ópera? Entre outras coisas, do próprio alcance do conceito de interpretação, e portanto, de um conjunto de questões de que a filosofia se tem ocupado no âmbito da teoria hermenêutica: o lugar ontológico do sentido, a tensão entre reprodução e emergência do significado, a pretensa autoridade do autor, as miragens da fidelidade ao texto, a margem de arbitrariedade permitida ao intérprete, a atitude do “recetor” (designação, aliás, sumamente equívoca, assente num dualismo questionável). Podemos hoje subscrever o anátema lançado sobre (quase toda) a interpretação por Susan Sontag num texto célebre? Ou estamos inevitavelmente condenados, enquanto agentes culturais, à interpretação, senão mesmo aos excessos da sobre-interpretação?

Os debates neste domínio estendem-se, na teoria como na prática, aos palcos do teatro de ópera, sobretudo no quadro das transformações dos critérios interpretativos musicais e da renovação das linguagens teatrais nas últimas décadas – naquilo em que alguns veem, euforicamente, uma reinvenção da ópera como espetáculo total, e outros, uma demonstração do niilismo pós-moderno. Quais as potencialidades e os limites de algumas das tendências atualmente em confronto, e quais as suas

implicações no presente contexto político-cultural, é o tema sobre o qual propomos uma reflexão.

Paulo Ferreira de Castro é musicólogo, doutorado em Filosofia da Música pela Universidade de Londres, e professor do Departamento de Ciências Musicais da Universidade Nova de Lisboa. Além do seu trabalho como investigador e conferencista, exercido em Portugal e no estrangeiro, tem-se dedicado à teoria e prática da encenação de ópera e desempenhou funções dirigentes no Teatro Nacional de S. Carlos.

CONFERÊNCIAS QUARTAS-FEIRAS DE 9 DE ABRIL A 25 DE JUNHO · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO